AS GALERIAS COMERCIAIS DE PELOTAS: A CAMINHOGRAFIA URBANA NO ESTUDO DE LUGARES COLETIVOS

PAULA PEDREIRA DEL FIOL [1]; EDUARDO ROCHA[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – delfiolpaula@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As galerias são lugares que se conectam à malha urbana da cidade, durante o dia. Esses lugares são de passagem, de lazer, de compra e venda, ainda se agrega a isso o fato de que acima delas existem prédios comerciais e residenciais, que de alguma forma influenciam no funcionamento das galerias por si só. E por isso, esses lugares, são do vir a ser, se configuram a partir das transição entre o uso público e privado, e assim podem se configurar como entre-lugares (GUATELLI, 2012).

Como modo de entender esses lugares dentro da cidade, se adotou os conceitos de espaço livre, que diz respeito a lugares que não são edificados, que busca, como elemento integrador, a forma urbana livre como forma de potência. Pode-se entender que a qualidade do tecido urbano se dá através do edificado e do não edificado (MAGNOLI, 2006), e assim, se busca integrar a relação das galerias com o espaço livre.

Para isso, se resgata o conceito de lugar coletivo, que diz respeito a lugares que são de uso público. Para que isso aconteça é importante que os lugares tenham qualidade e que sejam apropriados, ainda que esses lugares fomentem a exploração econômica, geram lugares pertinentes de uso no significado de cidadania (SOLÁ-MORALES, 2001).

As galerias comerciais se categorizam como lugares de passagem, de compra, e ainda são lugares privados, de uso coletivo. Ademais, elas integram a malha urbana, e são capazes de conferir fisionomia própria à cidade que estão situadas (CID, 2001). Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa é caminhografar as galerias e seu entorno imediato, em busca das controvérsias entre lugares de uso livre e lugares coletivos na cidade de Pelotas, com intenção de compreender as potências desses lugares de modo a contribuir com a discussão no campo da Arquitetura e Urbanismo.

Existem treze galerias comerciais na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, porém serão analisadas apenas sete, Figura 3, de modo a dar viabilidade para a pesquisa. Selecionou-se as sete galerias a partir de dois critérios, o primeiro que diz respeito aos acessos das galerias, todas analisadas possuem dois acessos, de modo que podem se tornar parte de percurso dentro da cidade. E o segundo, que elas não poderiam ter mais de duas quadras de distância entre uma e outra, para que ficassem em uma zona semelhante na cidade e assim fosse possível analisar as galerias frente ao tecido urbano.

Figura 1: Mapa situando galerias na área de estudo, 1. Galeria Antunes Maciel; 2. Galeria Firenze; 3. Galeria Zabaleta; 4. Galeria Malcon; 5. Galeria Satte Alam; 6. Galeria Central; 7. Galeria do Laranjal. Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2022.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa é a caminhografia urbana, que consiste na união do conceito de cartografia de DELEUZE E GUATTARI (1995), e à caminhadas. Essa relação se dá de modo a entender que as cartografias são importantes para entender o lugar, e a partir delas que é possível desenvolver pensamentos acerca do campo, mas que esse campo só pode ser entendido de dentro. O cartógrafo não pode se afastar, ele deve estar inserido naquele local, de modo a entender como funcionam as relações e controvérsias daquele local em específico.

Para DELEUZE E GUATTARI (1995), um rizoma não pode ser justificado a partir de nenhum modelo estrutural gerativo, tampouco pode ser representado como absoluto. Assim, a cartografia se presta para acompanhar um processo, entendendo que um mapa não é capaz de reproduzir um inconsciente inalterável acerca dele próprio. Esse mapa é uma construção sobre uma ideia em curso, nunca uma ideia fixa, afinal a realidade não pode ser apreendida em totalidade.

A cartografia desenvolveu um aspecto onde o corpo é imprescindível para que a pesquisa seja feita, e essa relação se dá com o campo em função da percepção no sentido de conhecer o campo (PASSOS, et al., 2015). E a partir disso, se dá a relação do cartógrafo com a caminhada, e a importância dessa caminhada para essa pesquisa.

E com isso, se acrescenta o caminhar na pesquisa, CARERI (2013) diz que o caminhar deve ser uma intervenção urbana, e fala sobre lugares que podem ser ressignificados a partir da intervenção de transeuntes. Apontando a importância da caminhada em forma de rastro, que conforme se caminha pelo espaço, ele é rastreado e representado a partir do corpo que caminha por ele, e assim modificar espaços.

Se soma a isso o conceito de transurbância, que diz respeito ao caminhar por onde não se tem o direito de ir, nesse caso a propriedade privada. A caminhada, por vezes, não deve ser feita pelos lugares lógicos, e determinados para os pedestres, se deve transpor essa barreira, e com isso, deve-se pular muros. Para quem não tem tabus perante esse ato, torna-se uma ação de criatividade perante a cidade (CARERI, 2017), esse pensamento se une ao objeto pesquisado, de maneira que as galerias, enquanto propriedade privada, cedem lugar para os sujeitos dentro do tecido urbano.

Dentro da caminhografia urbana se adotam cinco procedimentos metodológicos sendo eles: revisão teórica, onde se busca compreender teorias que se adequem ao que acontece no campo; caderno de campo, onde a pesquisadora relata coisas que acontecem no campo, de modo a associá-las e para poder discuti-las; mapas caminhográficos, que são as maneiras como são feitas as caminhadas, dia de sol e de chuva, sozinha e em grupo, dia e noite, dentro e fora das galerias, além do jogo com a cidade; análise morfológica, uma maneira de análise do tecido urbano da cidade, de modo a associar as galerias à ele; e análises caminhográficas, que busca conexões entre as caminhografias urbanas feitas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com isso, a caminhografia urbana aliada aos conceitos de lugar coletivo e espaço livre buscam associar o corpo na cidade. E, como se dão as cisões da malha urbana a partir do corpo, ou seja, relacionar as diversas escalas e lugares que os corpos habitam na cidade. Dessa maneira, já se deu início às caminhografias urbanas, primeiro, fez-se uma caminhografia na disciplina de caminhografia urbana[1]. E a segunda caminhografia urbana feita foi no ano de 2022, feita com o grupo de pesquisa.

A primeira experiência no ano de 2019, durante o segundo semestre, foram realizadas experiências de caminhografia urbana na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Ao total foram sete experiências, e uma delas foi nas galerias, em um dia de chuva. Algumas fotos foram coletadas, além de jogos na cidade, uma escrita coletiva, e cadernos de campo feitos pelos alunos. A seguir são apresentados esses materiais.

A segunda experiência foi em grupo se deu no dia 08 de março de 2022, às 16h, no centro de Pelotas, um dia quente. Ela teve início na Praça Coronel Pedro Osório, e findou no Mercado Público de Pelotas, nos dois momentos tiveram conversas, no início uma discussão sobre o que pensamos da caminhografia urbana e quais as expectativas para a caminhografia naquele dia, e no final da caminhada uma reflexão do que havíamos visto no percurso.

A pesquisa ainda está em curso, mas a partir dessas duas caminhografias se pode discutir alguns apontamentos ainda iniciais. Esses lugares possuem se caracterizam como conexões dentro da malha urbana, e são, muitas vezes, lugares de pressa dentro da cidade, a impressão de que não se pode ficar parado, e com isso se reforça o lugar do tempo rápido dentro da cidade.

Grande parte das lojas dentro das galerias são lojas de donos locais, muitas vezes formando uma comunidade com seus vizinhos. Gerando uma zona de proteção dentro da cidade, os vizinhos se conhecem e se protegem na medida

[1] Disciplina ministrada pelo professor Eduardo Rocha, no ano de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel.

do possível. O que também corrobora com o fato de que lojas menores, normalmente, têm preços mais altos, e, talvez, por isso as galerias estejam abandonadas, de uma maneira geral. O centro de Pelotas, ainda que tenha movimento, sofre o abandono pelas pequenas lojas, que antes eram tradicionais. As galerias estão escuras, sujas, com vitrines que não chamam atenção, em reforma, vários critérios para que as pessoas deixem de frequentá-las cada vez mais.

Mas então o que chama as pessoas a usarem esses lugares? Talvez por ser uma rua coberta e servir de abrigo, ou talvez pelo ritmo, pelo atalho, pelas conexões. O abrigo, em Pelotas, uma cidade de temperaturas extremas, é um fator importante, pode-se abrigar enquanto se vai em direção a um destino. Abrigo de chuva, de calor, de frio, mas ainda é possível se abrigar do medo, em busca de segurança e a fuga da violência urbana presente no cotidiano contemporâneo. Porém, pode-se perceber que essa busca pela segurança não é intensa, pois em contraposição com as galerias pouco movimentadas, o calçadão está sempre com muito movimento.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa ainda está em curso e buscando novas associações. A partir de diversos campos do conhecimento, como arquitetura, urbanismo, filosofia, geografia e antropologia, assim podendo fazer diversas associações sobre o campo de pesquisa.

Com isso, se pretende contribuir com a discussão teórico crítica sobre as galerias. Para que com isso, seja possível novas análises sobre a cidade contemporânea com a caminhografia urbana, de modo a enxergar a cidade de dentro dela, e assim aproximar o arquiteto e urbanista dos lugares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar.** São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, Francesco. **Walkscapes,** o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs.** Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol. 1.

GUATELLI, Igor. **Arquitetura dos Entre-Lugares,** sobre a importância do trabalho conceitual. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Em busca de “outros” espaços livres de edificação. In: **Paisagem Ambiente: ensaios.** São Paulo, 2006, n. 21, p. 141-174.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia:** Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SOLÁ-MORALES, Ignasi. Espaços públicos e espaços coletivos. Em: HUET, B. et al. **Os centros das metrópoles:** reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI (101-107). São Paulo: Terceiro Nome, 2001.